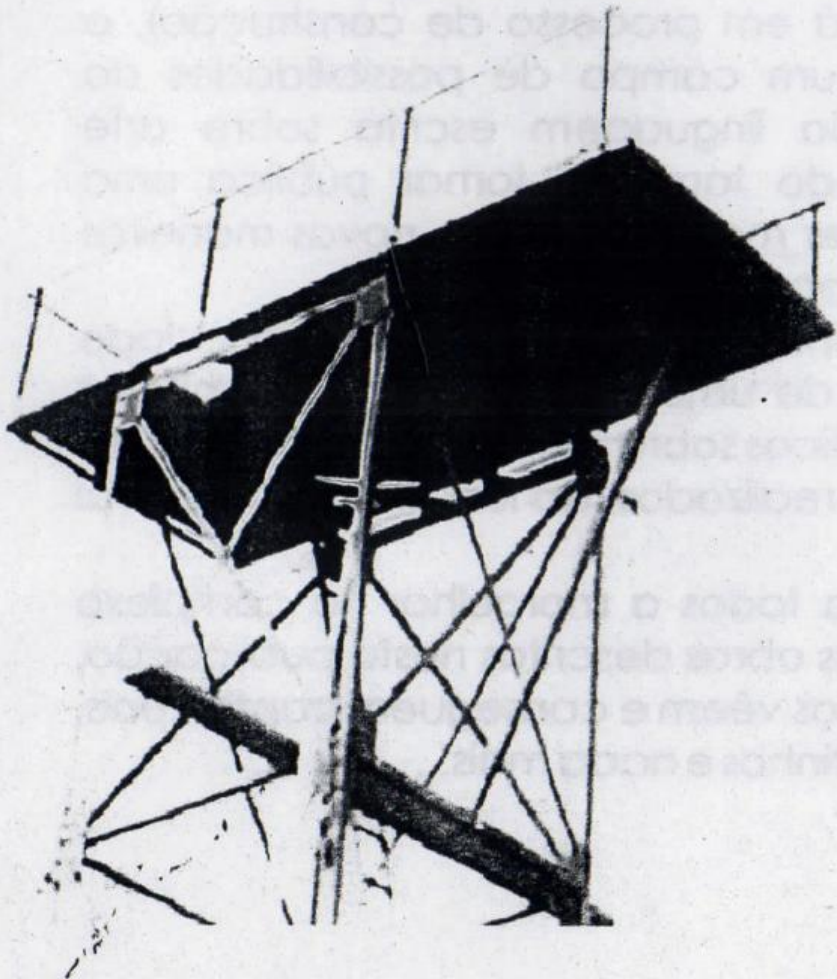


# Reticências

**Crítica de arte**



PAGO

**MERGULHO 01**

## ○○○ EDITORIAL

São três simples pontinhos e nada mais... A estrutura que dá corpo aquele que é o ponto ortográfico mais enigmático da língua portuguesa: As reticências. Por trás delas há mundos de "querer dizer", punhados de ambigüidades incandescentes, interpretações e intenções que desaguam nas fronteiras de um lugar chamado infinito.

É dessa semiose circundante, cuja natureza propulsora é a imaginação, que emerge o projeto Reticências... Crítica de Arte, o qual já traz em sua própria nomenclatura a idéia de algo para ser livre e aberto ao mundo.

A princípio, dedicado a crítica de arte do panorama das artes visuais em Fortaleza, tendo como suporte a internet (apesar do site ainda está em processo de construção), o "Reticências" visa a ser um campo de possibilidades do exercício experimental da linguagem escrita sobre arte contemporânea. Permitindo também tornar pública uma argumentação que se quer mobilizadora de novas maneiras de ser para arte e sua recepção.

Expandindo suas fronteiras, o projeto chega à cidade de Garanhuns, por meio de uma edição especial, voltada para a escrita de textos críticos sobre alguns trabalhos da área de artes visuais que serão realizados, ao longo do 18º Festival de Inverno de Garanhuns.

Portanto, convido a todos a mergulhar no complexo universo de cada uma das obras descritas nesta publicação, indo além daquilo que olhos vêem e conseguem captar, pois, afinal, são três simples pontinhos e nada mais...

## ○○○ EQUIPE

Editora: Ana Cecília Soares

Design Gráfico: Júnior Pimenta

## FOLHETIM AÇUCARADO



POR ANA CECÍLIA SOARES

Um romance açucarado feito aqueles de banca de revista, repleto de tórridas paixões, com direito a um plano de fuga para a "caliente" praia de Malibu; ciúmes ensandecidos e muito mais muito dramalhão aos moldes dos produzidos por nossos "hermanos" mexicanos, são alguns dos ingredientes que apimentam a fotonovela da artista Maria Simonetti.

Com o trabalho "Nas Ondas da Traição", da série "Amante Vilã", a artista constrói uma narrativa leve e bem-humorada capaz até de prender a atenção do mais distraído passante.

Caras e bocas e muitas exclamações dão vida as personagens, que metidas em modelitos estereotipados com tendências retro, dão um clima over, mas também divertido aos diálogos, promovendo uma tremenda gargalhada no meio da rua daqueles que param para lê-los.

Em formato de lambe-lambe, os seis capítulos da fotonovela se encontram dispostos em lugares diferentes da cidade de Garanhuns. Ato que promove uma interação junto ao público, por induzi-lo a se deslocar de um ponto a outro, em busca de saber o desenrolar da trama. Pois, é difícil ler um dos cartazes e não sentir curiosidade de conferir o que está escrito nos demais. Lembro que fiquei frustrada por não ter encontrado o capítulo II (ele tinha sido arrancado da parede).

Na história, a fogosa vilã Samantha está completamente insatisfeita com o casamento, de oito anos, com, o não tão bom mocinho, Rodolfo Valentino de Albuquerque. Desconfiado da mulher, o marido contrata o detetive Carlos Sandro, um tipo canastrão metido a, também, pistoleiro.

Entre pistas, evidências e disfarces, Carlos descobre que Samantha está tendo um caso e pretende fugir com o amante, levando todo o dinheiro do marido. Avisado do que está acontecendo, Rodolfo faz um pedido ao detetive: "Não! Não Deixe! Mate-o! Não deixe que isso aconteça! Eu te pago mil zilhões de libras esterlinas, mas quero este homem sete palmos debaixo da terra!".

Para piorar a situação, quando o detetive vai cumprir com a tarefa, descobre que a sua vítima é, ninguém mais e nem menos, que se próprio irmão, o mulherengo Luís André. A história narrada pela artista pára por aí, pois, agora, ela convida e estimula o espectador a decidir o desfecho que mais lhe convém. Seja este, elaborado pelo intermédio de palavras ou de desenhos.

No cartaz destinado ao último capítulo da trama, há um espaço em branco dedicado as manifestações do público, as quais são bastante divergentes. Achamos desde opiniões já esperadas, tipo "Ele tem que morrer!", as mais fantasiosas "Carlos Sandro deveria casar com Samantha e abrir um cassino em Vegas!".

A artista Maria Simonetti não só conseguiu chamar a atenção das pessoas, rompendo com a mesmice linear dos trajetos da cidade, como, ainda, conduziu a participação do espectador, fazendo com que ele saísse de sua realidade para submergir no tempo e espaço da própria obra. Este sim, é o melhor final de que se poderia ter.





## SANGRADURA



POR ANA CECÍLIA SOARES

O olhar apontava para uma direção indefinível. A íris negra cintilava junto aos poucos raios de sol fugidios de uma tarde cansada de frio. Do alto do patamar da igreja de São Sebastião anunciava partida, aludindo o gesto simbólico e tão conhecido, do Sagrado Coração de Jesus presente nos "santinhos" católicos.

Pés descalços e blusa branca com a frente manchada pelo sangue do enorme coração de boi, que carregava sobre o peito, caracterizavam a frágil figura do artista pernambucano, Izidorio Cavalcanti, de quem o vulto se perdia por entre as ladeiras geladas de Garanhuns.

O órgão muscular oco sangrava a cada passada do artista. A vida se esvaía, assim como tantas outras, mas a esperança trepidava feito pulsações cardíacas de uma coronária viva. Concentrado em si mesmo, ele seguia caminho.

A rota traçada na cabeça era a meta. Aqueles que o viam andando pelas ruas, imaginavam idéias de origens diversas. Uma moça com cara de choro e tom de compaixão, chegou a me perguntar: "Aquilo é de verdade? Respondi: "Sim, é só um coração!". Enquanto isso, outros riam, faziam piadas e até pensavam ser este um ato de protesto.

Indiferente a tudo, Izidorio caminhava como um devoto, tão decidido e fervoroso em sua ação, tal qual um pagador de promessas. A fricção dos pés nus pelas pedras dava impressão de sacrifício, assim como o pedaço de carne crua acoplado em seu tórax, que parecia pesado.

Após alguns minutos de caminhada, o artista parecia acordar do transe que o envolvia. Subia, novamente, as escadarias, agora às da Igreja de Santo Antonio. Fiéis rezavam resignados enquanto a missa não começava. Todos foram surpreendidos com a súbita entrada do artista. Olhares curiosos foram-lhe lançados à medida que avançava em direção ao altar. Chegando, virou-se para as pessoas e fez aquele mesmo gesto do início da caminhada.

Desprendendo o coração da blusa com um canivete, Izidorio o embalou num saco plástico, e como uma oferenda o deixou sobre a mesa de celebração. O ato fez lembrar da antiga tradição dos ex-votos ou milagres, bastante difundida no interior do Nordeste, onde os romeiros deixam em locais sacros, esculturas feitas em madeira ou em qualquer outro material, de uma determinada parte do corpo que estava enferma, em sinal de agradecimento ao santo de sua devoção. O objeto simboliza a cura e a simbiose com o que há de mais divino.

As esferas do sagrado e do profano encontram-se, profundamente, enraizadas em sua intervenção. Os mais conservadores podem vê-la com maus-olhos, outros interpretá-la como uma homenagem a alguma divindade. Leituras e reflexões são muitas, a arte é uma obra aberta, nela tudo é possível.

Posto o coração no altar, Izidorio saiu sem dizer uma única palavra e sem olhar para ninguém. De vagar moroso, foi desaparecendo gradativamente. De tudo só restou o órgão ensacado. Embora sem vida, ele parecia ainda pulsar.



# TRONCO MONETÁRIO

Por Ana Cecília Soares

Que um pé de dinheiro no quintal de casa, não seria uma má idéia, isso é fato! Mas, infelizmente tal façanha, por motivos lógicos e, sobretudo, naturais, é impossível de acontecer. Se a realidade é "cruel" (digo nesse sentido), por meio da arte as chances do absurdo se manifestar são bem maiores.

Em "O dinheiro nosso de cada dia", o artista Ted Henrique César, embora não consiga a proeza de fazer nascer pés de dinheiro, transforma velhos tocos de árvores em matrizes monetárias. Dando assim, aos transeuntes a possibilidade de criarem suas próprias notas, como uma brincadeira daquilo que poderia ser. O tal do "faz de conta" que tanto nos referíamos na infância.

No trabalho, ele realiza uma série de intervenções urbanas, em que se apropria de alguns troncos encontrados aleatórios pelas ruas da cidade, desenvolvendo xilogravuras de cédulas e moedas. Os valores são os mais surreais: 1004, 109, 900, 1000, 840. Se verdadeiros, imaginem só a trabalhadeira para trocá-los?!

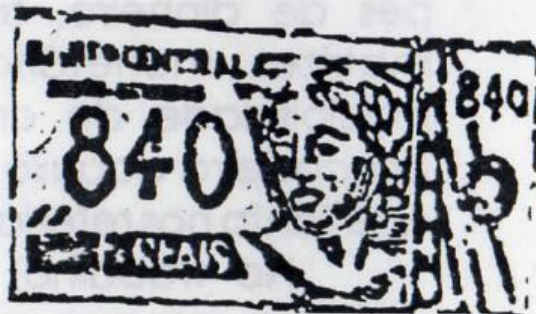
O disparate das quantias registradas nas matrizes conduz a vários questionamentos, como: Que mensagem há por trás desses valores? A escolha dos números se deu por acaso? O que representam?



Concomitante a isso, as matrizes com imagens de valores monetários aparecem como uma tentativa de levantar a discussão sobre o esforço que fazemos para obter o dinheiro e a busca por uma maneira prática e rápida de adquiri-lo, figurada pela idéia de grande tiragem a partir de molde pronto.

Na ação de Ted, a dualidade do fácil/difícil é expressada por meio de dois aspectos indissociáveis. A noção de dificuldade se sucede pela própria técnica da xilogravura. Ofício trabalhoso que requer bastante concentração, paciência e habilidade para que a matriz saia perfeita. O deslizar da espátula pela madeira é árduo, mas o resultado é gratificante. Assim como acontece com as nossas atividades rotineiras, cuja recompensa é a sensação de estar sendo útil para o mundo.

No que diz respeito à facilidade, ela vai ser focada pela idéia de alta tiragem trazida pelas matrizes. Esse aspecto nos faz refletir

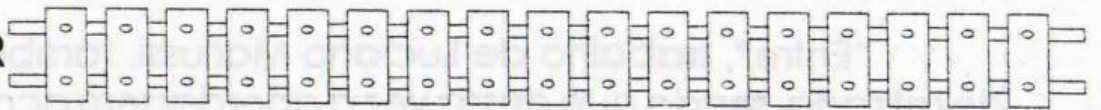


sobre as falsificações e corrupções que ocorrem, em nome de uma renda financeira maior. Afinal, têm gente que não mede esforços para conseguir mais dinheiro e poder.

O trabalho do artista, também, rompe com a lógica de inutilização das matrizes xilográficas e, além disso, permiti ao espectador aguçar a imaginação para além dos confins do fabuloso, proporcionando aos quintais de todas as casas o florescimento de exóticos pés de dinheiro, ou, ainda, a possibilidade de produzir nos tocos das árvores os valores monetários que a criatividade mandar.







POR Ana Cecília Soares

"Venha ver a exposição de quatro artistas contemporâneos", esta era a mensagem escrita, em letras garrafais, na faixa pendente ao muro. O riso foi a primeira reação esboçada, pois, afinal, tudo o quanto existe hoje não é contemporâneo? Refletindo sobre a ingenuidade da frase, articulando, quase, em meio tom, saiu o rumorejar: "Aí, tem coisa?".

Realmente, estava certa. A escuridão do ambiente, cortada apenas pela iluminação tênue e a confluência sonora das videoinstalações, geravam um clima sombrio e caótico, promovendo, assim, certo mal-estar ou qualquer outro tipo de inquietação em quem passava pela exposição "Espectador em Trânsito", dos artistas André Parente, Luciano Mariussi, Gisela Motta e Leandro Lima. É impossível não sair dali com "algo" mexendo por dentro, seja ele de que natureza for.

"Nossa, isso aqui dá medo!" "É, mesmo, assustador!" "Quando o trem passa fico me tremendo todo", esses foram os comentários realizados por algumas pessoas, enquanto observavam o trabalho "Passei-o" (2005), de Leandro Lima e Gisela Motta.

A paisagem é bucólica e linear: um velho trilho no meio do nada, sem referência alguma de lugar ou identidade. Só existe o mato e o vento que o movimenta lentamente. Entretanto, como pano de fundo, há o barulho retumbante do trem que avança pelo ar. Por muito tempo a projeção é a mesma, parece até um teste de paciência com aqueles que a contemplam. Mas, subitamente, eis que surge a maquinária, rangendo ferozmente a engrenagem, rasgando num rompante a tranquilidade da paisagem.

O som é infernal, têm-se a impressão de que o trem está dentro da própria sala de projeção. O coração acelera e a respiração se desarticula.

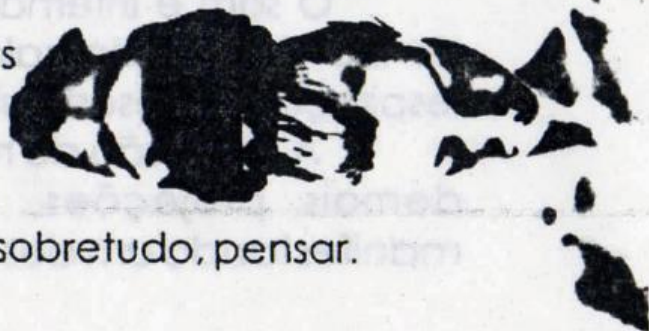
A confusão de ruídos, somada aos outros provenientes das demais projeções, cria uma atmosfera esquizofrênica, manifestando um desejo de saída do local.

"Entre", trabalho de Luciano Mariussi, também foca a idéia de retirada, sendo que dessa vez a abordagem acontece de forma distinta. Em três projeções, o espectador se depara com três indivíduos que os instigam a ir embora da exposição, levantando questões importantes e, mesmo, curiosas. Máscaras caem e verdades recônditas são reveladas. Nem todos são bem-vindos, apenas aqueles que estão abertos a outras realidades, a ir mais além do que a mera superficialidade oferece. Num mesmo tom de ira e desabafo, ouve-se um ressoar de: "abra a cabeça!" "isso aqui não é pra você!" "vá embora, volte para sua vidinha, sente-se no sofá e vá ver tv!". Daí cabe a cada um tirar suas próprias conclusões.

Em "Estereoscopia" (2005), André Parente propõe uma videoinstalação interativa. Nela, vivifica-se um mosaico de imagens a partir da reunião de pequenos fragmentos imagéticos, que durante a projeção, são justapostos de maneira a formar uma única imagem por inteira. Utilizando-se de seu próprio rosto e o de uma mulher, o artista promove o deslocamento desses fragmentos, o que dá uma sensação de cinestesia aliada a um efeito hipnótico.

O mesmo acontece em relação ao som, quando movemos o mouse que está sob um móvel, junto à instalação do vídeo, podemos retornar a imagem e dá início a sua audição. O som de respiração cede espaço a vozes que repetem sem cessar as seguintes palavras: "Eu quero vê o que você está vendo de mim, do que estou vendo de você dentro de mim". A maneira como as frases são proferidas remetem a uma espécie de mantra. A concepção de mosaico se faz presente na sonorização. O efeito é incrível, levando o observador ao inebriamento. Os sentidos adormecem e nos deixamos, simplesmente, levar.

Estimular os que a visitam a pensar e se relacionar criticamente com a realidade virtual e globalizada que permeia a contemporaneidade, é uma das leituras que se pode efetuar dessa exposição. Pois, antes de termos tudo digerido como agora, foi preciso que nossos ancestrais pensassem e trabalhassem bastante. Logo, é preciso atentarmos para que as artificialidades e facilidades que nos rodeiam não nos torne seres bestiais e vazios, promovendo um retrocesso da espécie. Por isso, é fundamental trabalhos como esses que nos façam, sobretudo, pensar.



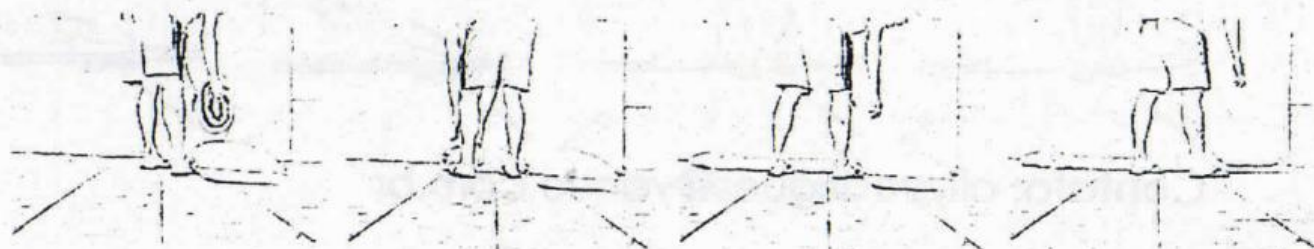
## Rupturas do cotidiano

Por Allys Rodrigues

Diante dos fatos esquecidos, das realidades omitidas; diante do silêncio das vozes deterioradas pela fraqueza dos doentes, enfermos do mundo, e dos mortos sem sepultura e da tristeza contínua... Há um mundo ou um abismo?

Diante do silêncio da arte existe um espetáculo, cujo qual nos é apresentado como ordenação poética, onde nossa realidade é representação de nossa ignorância – como também de nossa beleza. Assim, pertencemos ao sistema pré-estabelecido da sociedade, uma instituição, contudo, imaginária. Imaginação cíclica dos doentes e precários tempos modernos, assim seja Urbecama crítica, é um elogio ao acaso do descaso da vida existente, a humanidade como distúrbio do sistema coletivo e individual. A obra "Urbecama" do artista Júnior Pimenta demonstra o esquecimento do sujeito e a invisibilidade colocada sobre as "determinidades" do não pertencimento dos mesmos, a sistemas que trabalham continuamente descartando e denegrindo seus lixos - Lixos esses que conhecemos como lixo humano.

Urbecama coloca de forma irônica, mas precisa o estado, à calamidade de nossa sociedade, respeitando a imagem como espetáculo e o espetáculo apenas como necessidade de mudanças. Em determinados contextos apresenta-se como convite ao outro que é espectador dessa verdade banal. O mundo é o que vemos, mas duvidamos do nosso olhar. Assim o mundo é o que sentimos, mas não temos certezas de nossos sentimentos. Somos confusão do que, somos sujeitos que negam outros sujeitos.



O que existe – assim como, coloca Pimenta em sua obra *Urbecama* – além do presente estado de miséria que encontramos no nosso cotidiano, é o estado de especulação dos homens e seus subúrbios internos, quase irrepresentáveis, omitidos por vontade própria, desejo feroz de ver a miséria dos outros, só para satisfazer suas vontades pessoais.

Assim *Urbecama* transcende o estado da crítica social, passando a questionar o estado institucional dos direitos humanos. Embora *Urbecama* seja uma obra de natureza questionadora e de condição imprecisa, ela não conduz a uma tautologia artística. Especificamente ela implica uma vontade de dialogar com as diversas formas existentes de uma cidade e seus diversos módulos que vêm conduzindo letalmente às rupturas de nosso cotidiano. Mendigos e turistas presentes no mesmo espaço, desejo e repúdio – desejo do mendigo ser turista, e do turista repúdio de ser mendigo. *Urbecama* sistematiza os direitos - independentes de quais sejam – de um tempo onde os mesmos demonstram-se incapazes de responder as necessidades, já que elas são indelévels e imensuráveis. Uma ruptura do cotidiano como representação do negado, e do omitido, do desejado estado de bem estar social, a certo homem que sonha, que vive na *Urbecama*, nas ilhas solitárias do mar de gente, afogados, muitas vezes, pedindo clemência e perdão pelo que não fez. Assim é um condenado solitário da cadeia chamada planeta Terra.

Rupturas do nosso cotidiano, é poesia discreta do estado do mundo, assim coloca-se a obra do artista Junior Pimenta, em suas diversas e contraditórias discussões, especificando e transcendendo o campo da poesia artística.



Contato: [allysrodrigues@yahoo.com.br](mailto:allysrodrigues@yahoo.com.br)



## O fruto permitido

Por Aslan cabral



Em 1994 andando pelo centro do Recife, entrei numa dessas lojas de artigos que custam 1,99 (procurando o que comprar) quando vi umas maçãs lindas, gigantes e vermelhas. Daí me agarrei com cinco daquelas (uma para minha mãe e uma para cada uma das minhas irmãs), e com aquelas "belezuras" nos meus braços comecei a pensar em muitas coisas relacionadas a esta fruta.

Começando pela origem do mundo, de acordo com a Bíblia, lá está a maçã representando o pecado e a culpa cristã, o tal fruto proibido. Daí pensando em origem, lembrei também da infância, quando todos nós, mesmo sem ter visto, sempre que desenhemos uma árvore desenhemos a mesma...qual? Vamos lembrar juntos, desenhemos o tronco e aí pintamos de marrom, a copa que pintamos de verde, e as frutinhas...sempre são vermelhinhas e com a folhinha verde...Maçãs.

Não se trata de uma fruta simplesmente, mas de um símbolo mundial com muitos significados. A cidade de Nova Iorque é chamada de "Big Apple" (Grande Maçã). Uma das maiores marcas de computadores usa a maçã como logomarca, e um antigo selo de música também.

Foi assim que percebi que as maçãs de R\$ 1,99, já tinham potencial artístico por conta de suas várias interpretações mundo a fora. A ação e seu título remetem diretamente às culturas de massa e pop. Nos meus trabalhos de arte, eu prefiro realizar situações (seja por um quadro, fotografia, intervenção urbana...), onde através destes eu consigo fazer com que as pessoas pensem diferentes idéias sobre coisas que já existem, do que criar algo que não existe. Então "Massificando" foi às ruas. Melhor aos galhos.



Massificando foi uma das minhas primeiras ações artísticas, realizada no SPA (Semana de Artes Visuais do Recife) no ano de 2004. E no ano passado tive a oportunidade de realizar na cidade de Garanhuns. Só que para o FIG, por conta dos rumos que minhas pesquisas em artes têm tomado, decidi deixar de lado a relação "show" de uma intervenção urbana e realizar uma ação mais próxima das pessoas para as quais eu iria apresentar, ou seja, o povo de Garanhuns. Para isso, fiquei durante algumas tardes em baixo das árvores onde as maçãs seriam, e foram, penduradas, pedindo para que as pessoas escrevessem seus desejos para com um mundo melhor, e esses desejos foram colocados dentro das maçãs.

Decidi fazer desta segunda edição uma ação que não discutisse somente o apelo visual ou o significado das maçãs na cultura de massa. Mas sim, o desejo que cada um tem de atuar diretamente ou subjetivamente, em mudanças e melhorias de vida. Pois já sabendo que as pessoas iriam "colher" as maçãs, como fizeram em Recife (e como deve acontecer), eu não perderia esta oportunidade de acrescentar mensagens não poderia ser desperdiçada.

Lembro-me de no último dia do festival, andando pela Praça Guadalupe, ver uma maçã no chão. "Hauhauh" era o que eu precisava para voltar de Garanhuns com a satisfação de ter usado o potencial de comunicação da minha arte de maneira mais coletiva e feliz. Cada pessoa que arrancou uma maçã viu que dentro havia uma mensagem. Se esta não conseguiu mudar ou influenciar, beneficentemente, nas suas vidas, pelo menos mostrou que na arte e até mesmo em árvores, também, existem desejos que clamam pelo bem de todos.

Contatos: [www.arteatual.blogspot.com](http://www.arteatual.blogspot.com)  
[aslan.cabral@gmail.com](mailto:aslan.cabral@gmail.com)

**e-mail: [reticenciascritica@yahoo.com.br](mailto:reticenciascritica@yahoo.com.br)**

**REALIZAÇÃO:**

G R U P O  
V

**APOIO:**

